

CAVALCANTE; Maria Beatriz Ribeiro Teixeira¹, SILVA; Mary Gomes²

RESUMO

A pandemia da COVID-19 mudou drasticamente a vida das pessoas. Dentre os inúmeros impactos na qualidade de vida da população, destaca-se o impacto na saúde sexual dos indivíduos, com ênfase na população jovem e feminina. Diante desse cenário e apesar de muitas evidências terem surgido nos últimos anos, no que tange ao vírus SARS-CoV-2, poucas pesquisas têm se proposto a descrever os efeitos da pandemia na saúde sexual nessa população. Ante o exposto, a presente pesquisa objetivou, primariamente, descrever e analisar os efeitos da pandemia da COVID-19 na saúde sexual de mulheres universitárias. Trata-se de um estudo transversal, com uma amostra de 369 mulheres universitárias de Salvador/BA, cuja coleta foi de outubro de 2021 à março de 2022, feita através de um questionário eletrônico com perguntas que acessaram o perfil sociodemográfico, o *Female Sexual Function Index* (FSFI) e algumas perguntas complementares. Esse projeto foi submetido e aprovado por um Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), e está cadastrado na Plataforma Brasil com número do CAEE 48075121.9.0000.5544. Com relação ao perfil sociodemográfico, foram obtidas as seguintes prevalências: cor branca, 195 mulheres (58,8%); sem religião, 161 mulheres (43,6%); heterossexuais, 257 mulheres (69,6%); namorando, 176 mulheres (47,7%); universidade privada, 256 mulheres (69,4%); e pais com ensino superior completo. O FSFI da amostra antes da pandemia foi 17,75 (DP – Desvio Padrão: 4,24) e depois da pandemia foi 17,16 (DP: 4,37). O teste T pareado não acusou diferença estatisticamente significativa ($p=0,96$). Os seis domínios do FSFI foram analisados separadamente (desejo, excitação, lubrificação, orgasmo, satisfação e dor), contudo, não houve diferença estatisticamente significativa para nenhum dos domínios. Com relação às perguntas complementares, as seguintes variáveis foram analisadas: frequências de masturbação, acesso à pornografia, atividade sexual e *sexting*, bem como aquisição de brinquedos sexuais, ocorrência de relação extraconjugal e métodos contraceptivos. A frequência de masturbação na amostra antes da pandemia foi 4x/mês (IIQ – Intervalo Interquartil: 1,0-8,0) e durante a pandemia foi 4x/mês (IIQ:1,0-10,0); pornografia antes da pandemia foi 0x/mês (IIQ:0,0-3,0) e durante a pandemia foi 0x/mês (IIQ:0,0-3,0); atividade sexual antes da pandemia foi 3x/mês (IIQ:1,0-8,0) e durante a pandemia foi 3x/mês (IIQ:1,0-7,0); e *sexting* antes da pandemia foi 0x/mês (IIQ:0,0-2,0) e durante a pandemia foi 0x/mês (IIQ:0,0-4,0). No que tange à análise inferencial, as diferenças entre os períodos anterior e atual da pandemia foram estatisticamente significantes para masturbação ($p=0,043$), pornografia ($p=0,019$) e *sexting* ($p=0,00$); mas não para atividade sexual ($p=0,84$). Com relação as demais perguntas, 138 (37,4%) mulheres adquiriram brinquedos sexuais; 213 (57,7%) e 228 (61,8) responderam “Não” para relação extraconjugal antes e durante a pandemia, respectivamente; e 201 (54,5%) continuaram usando métodos contraceptivos. Diante do exposto, foi possível verificar que os resultados estão dissonantes com as pesquisas publicadas no início da pandemia (março 2020 – março 2021), que apontavam para prejuízos significativos no FSFI. Assim, destaca-se que a utilização da internet, com aplicativos de encontros, chamadas de vídeo, envio e recebimento de conteúdos eróticos por mensagens (*sexting*), funcionou como boa alternativa para viver e reinventar a sexualidade de forma segura.

PALAVRAS-CHAVE: COVID-19, Saúde Sexual, Mulheres, Universitárias, FSFI

¹ Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, mariartcavalcante18.2@bahiana.edu.br

² Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, mgsilva@bahiana.edu.br